

Estudo exploratório acerca da marcha das vadias: possibilidades temáticas para pesquisadores

Davyson de Faria Walderrama¹

Ana Maria Ricci Molina²

Resumo: Este artigo trata de um estudo exploratório sobre a Marcha das Vadias, que teve por objetivo buscar informações relativas ao seu acontecimento, a fim de familiarização com o evento e a investigação de possibilidades temáticas para pesquisas posteriores. Foram resultados desse estudo exploratório: a) estabelecimento da correspondência entre o acontecimento da Marcha das Vadias com a agenda da chamada “terceira onda” feminista, pela visibilidade da diversidade e liberdade sexual; b) identificação da formação de um novo objeto discursivo acerca do termo “vadia” pela problematização de seu enunciado, e; c) verificação da presença de figuras masculinas no contexto da luta feminista, de modo a indicar a busca pela horizontalidade nas relações de gêneros. Concluímos que a visibilidade desses três resultados iniciais são chaves-analíticas para aprofundamento investigativo e, nesse sentido, fortalecendo o estudo exploratório para justificativa da iniciação científica.

Palavras-chave: Estudo exploratório. Marcha das vadias. Feminismo.

Abstract: This article deals with an exploratory study on the March of Sluts, which aimed to seek information related to their event, in order to familiarize themselves with the event and to investigate thematic possibilities for further research. The results of this exploratory study were: a) establishing the correspondence between the event of Marcha das Vadias and the feminist “third wave” agenda, due to the visibility of sexual diversity and freedom; b) identification of the formation of a new discursive object about the term “bitch” by problematizing its statement, and; c) verification of the presence of male figures in the context of the feminist struggle, in order to indicate the search for horizontality in gender relations. We conclude that the visibility of these three initial results are analytical keys for further investigation and, in this sense, strengthening the exploratory study to justify scientific initiation

Key-Words: Exploratory study. Slutwalk. Feminism.

1 INTRODUÇÃO

Trazemos um relato de experiência que se inicia com o vivido sobre a simulação da “Marcha das Vadias” em ambiente universitário, percorre sua ruminação com a pesquisa exploratória e trava um ponto de primeira chegada com este artigo, pois, depois disto, sinalizam-se vários trajetos como possibilidade para sua continuidade.

Era fevereiro de 2017. Saímos em grupo a caminhar pelos corredores da faculdade onde cursamos Psicologia. Estávamos vestidos com roupas comuns do dia-a-dia, mas nossos

¹ Graduando de Psicologia (USU) e Ciências Sociais (UNIFRAN).

² Estágio de Pós- Doutorado em Psicologia (FFCLRP-USP). Doutora em Educação (UFSCar). Mestre em Psicologia (FFCLRP-USP). Docente na Faculdade Anhanguera de Ribeirão Preto/SP

rostos eram marcados por tinta vermelha, as mãos levavam cartazes e nossas vozes catavam protestos enquanto batíamos panelas com colheres de pau: “Sai machista... está passando a frente feminista”.

Éramos alunas e alunos a favor da agenda de mulheres contra a violência, o preconceito, o feminicídio e tantas armadilhas que os discursos machistas impõem às mulheres ou àqueles que participam de alguma forma na construção do feminino no cotidiano, como diferentes grupos transgênero.

Essa marcha foi um teatro, uma tentativa de impactar os demais estudantes durante a “Semana dos Direitos Humanos e da Diversidade” realizada em nossa comunidade acadêmica, no ano de 2017. Mas foi tão real quanto a ocorrida em Ribeirão Preto, cidade do interior paulista, na capital paulistana ou no Canadá, onde o movimento começou e se espalhou pelo mundo.

Esquete “Marcha das Vadias” na Semana dos Direitos Humanos e da Diversidade



Fonte: arquivo pessoal, com autorizações para uso das imagens

O convite do grupo responsável pela esquete se estendeu para demais estudantes da turma. O grupo era formado por uma maioria de mulheres, tinha a aderência total dos homens-homossexuais e a pouca participação de homens – heterossexuais.

A primeira surpresa se deu com a negativa da turma em participar da manifestação, grupo feito de mulheres, na maioria, que se esquivaram da possibilidade de lutar pelos seus direitos e, assim, demonstrarem a falta de coesão grupal para uma causa que faz parte da história das mulheres. Houve o espanto com a verificação da falta de informação

sobre o que era o movimento da “Marcha das Vadias”. Mesmo explicado sua emergência, a turma convidada não entendeu a problematização a respeito da formação do objeto e desconstrução do termo “vadia” proposto pela luta feminista em questão. Elas também não se impactaram pela oportunidade de bravarem sobre as violências de gêneros que cotidianamente vivenciam após convite do grupo que organizou o manifesto.

Por outro lado, a adesão de todos os homens-homossexuais da turma retoma a força do próprio movimento desse coletivo, que se uniu ao movimento feminista, para empreenderem a efetivação de seus direitos. E, a presença de alguns homens-heterossexuais da turma na composição do grupo nos faz refletir sobre a importância do homem desconstruído ou em desconstrução, como uma nova geração a ser formada por práticas educativas igualitárias, que, pois, não se manifesta pela destituição dos papéis sociais até então estabelecidos, mas a institucionalização de outro modo de interação social capaz de tornarem improváveis as ações que resultam no endurecimento dos afetos, como o estupro e o feminicídio, por exemplo.

Mas, a perplexidade no contexto acadêmico e de formação de profissionais no campo das políticas públicas ficou para uma impressão de que a maioria da turma não conseguiu articular a proposta ao próprio compromisso da profissão, designado a transformação da realidade social.

Ao colocarmos a nossa marcha em movimento foi nítido também observamos as expressões das pessoas por onde passamos. Havia a dúvida e a desconfiança, fruto da surpresa por presenciarem algo diferente em um ambiente tão rotineiro para elas. Muitas pessoas não haviam ouvido falar da “Marcha das Vadias”, mesmo ela tendo ocorrido em nossa cidade. Isso nos indica sobre o baixo impacto ou a pouca visibilidade que as agências de notícias deram para a manifestação local. Também demonstraram a falta de conhecimento acerca da luta e dos direitos de um coletivo subalterno, aliás, a produção de sentidos acerca dos direitos humanos se contrapõe e se distancia dos seus fundamentos e princípios.

Embora a passeata ocorrida no *campus* fosse uma simulação (foto acima), a *performance* do grupo permitiu que cada um de seus participantes sentisse na concretude do corpo a euforia dada pela ação de empoderamento diante do mundo. No seu curso foram afirmadas determinadas ideias publicamente e com elas, por efeito, o grupo ouviu muitos “buchichos”: “Não é carnaval”; “Não somos loucos e loucas”; “Não, não é porque fazemos

psicologia”. Ademais, cada um deles poderia narrar sobre os embates machistas e homofóbicos que ocorreram virtualmente sobre a esquete proposta.

Não estamos apontando apenas para a falta de conhecimento sobre o assunto, mas para a produção e circulação discursiva de modo distorcido e descontextualizado historicamente. Porque, no dia seguinte, ainda éramos o assunto entre professores e alunos. O ato fora criticado nas redes sociais, alunos e alunas da faculdade compartilharam mensagens de repúdio ao grupo por apoio às prostitutas, em uma evidente demonstração da ausência de alteridade e descompromisso com a luta por direitos humanos aos diferentes coletivos.

A atitude do grupo foi a de não se opor ou repreender a qualquer comentário negativo. Estávamos cientes do que era a reprodução da “Marcha das Vadias”, tínhamos conhecimento de seu valor histórico, cultural e social. Esperávamos certa afronta por parte da comunidade acadêmica. Mas, não imaginávamos que uma parte considerável da turma de estudantes de psicologia seria contrária ao proposto. Tivemos a oportunidade de experienciarmos e refletirmos sobre uma amostra da sociedade em que vivemos.

Mas, por sermos conscientes de um Estado de Direitos e em respeito à multiplicidade humana, e, cômicos do alinhamento existente entre o evento citado como derivado de dimensões psicossociais no modo de produção das diferenças e das relações de gêneros e da diversidade sexual que, nós, decidimos por transformá-lo em uma política de escrita.

Foi quando investimos na pesquisa exploratória sobre a “Marcha das Vadias”, que se apresenta no formato desse artigo. Tivemos, portanto, por objetivo buscar informações relativas ao seu acontecimento, a fim de familiarização com o evento e a investigação de possibilidades temáticas para pesquisas posteriores.

2 METODOLOGIA

Segundo Antônio Gil (2012) a pesquisa exploratória pode ser definida a partir do seu objetivo geral de conhecer ou aproximar-se do objeto de estudo ou fenômeno para dele levantarmos hipóteses ou problemáticas de estudos posteriores. Visa à busca de informações e dela a formulação de ideias propícias para um projeto específico posteriormente. Metodologicamente costuma ser orientada por estudos de casos ou por levantamento bibliográfico.

O caminho percorrido por nós se deu em três passos. O primeiro passo foi o de conhecermos sobre o surgimento da Marcha das Vadias, e, para isso, encontramos informações tanto em alguns sítios virtuais relativos ao evento quanto em alguns artigos publicados em revistas especializadas no campo das ciências humanas.

Assim, foram fonte de busca por imagens e informações alguns *sites* vinculados ao movimento da Marcha das Vadias, e, acessados aleatoriamente após captura de buscas, para também demonstrarmos a extensão do evento pelo mundo, além de outros, do tipo *blog*, de caráter feminista ou informativo.

Todos eles se referem a um modo de comunicação estabelecido na atualidade, com sua própria ritualística para produção e circulação de discursos, a fim de visibilidade pública às informações ou aos discursos que enunciam. Tomamos esses territórios como parte de uma *Ágora* moderna. Contudo, é fácil concluir que o recorte realizado é pequeno e, sobre, ele, cabe considerarmos que o universo virtual é um campo vasto e frutífero ainda a ser explorado por netnogafias, cartografias e outras propostas metodológicas-procedimentais. Foram eles:

- <https://en.wikipedia.org/wiki/SlutWalk>: fonte não confiável, mas pertinente ao escopo de trajetos analíticos sobre os discursos;
- <https://torontoist.com/2017/08/putting-sex-worker-rights-front-centre-slutwalk-toronto/>;
- <https://slutwalkporto.wordpress.com/>; <https://marchadasvadiassp.milharal.org/>;
- <https://marchadasvadiasribeiraopreto.wordpress.com/>: sítios onde encontramos registros relativos à territorialidade de onde emergiram, por exemplo, Toronto (Canadá), Porto (Portugal), São Paulo e Ribeirão Preto (Brasil), e, portanto, com visibilidade virtual sobre o movimento;
- <https://blogueirasfeministas.com/2012/10/31/marcha-das-vadias-uma-demanda-de-direitos-humanos/>; <http://blogueirasfeministas.com/2013/07/mulheres-e-criancas-primeiro-homens-descartaveis/>; <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/marcha-das-vadias-chega-ao-brasil/>; <https://bobipasquale.wordpress.com/2011/05/12/slutwalk-not-radical-not-helpful/>: outros pontos virtuais que ritualizam um modo de produção e circulação de discursos sobre o movimento e ligado às lutas de coletivos femininos com agenciamentos feministas.

Também, utilizamos a busca por artigos científicos no banco de dados *Scientific Electronic Library Online (scielo)*, com o emprego do termo “Marcha das

Vadias”, quando encontramos oito estudos, que foram lidos e compreendidos, mas incluímos diretamente apenas quatro deles em nossa escrita, porque tratavam diretamente da temática.

Chegamos ao segundo passo, que foi o de construirmos uma síntese consonante às leituras realizadas, de modo que dela identificamos temáticas propícias para a ampliação investigativa e aprofundamento teórico. Essas temáticas emergiram à medida que familiarizávamos com a história do movimento, certos, portanto, da importância da pesquisa exploratória para a produção de conhecimento no âmbito da iniciação científica. Ou seja, a partir da verificação de como surgiu a Marcha das Vadias encontramos-nos, primeiro, com a formação discursiva de um novo objeto, o termo *vadia* foi problematizado e sugerimos seu uso como disparador para a ocorrência da própria marcha.

Desdobram-se dessa nota a observação através das fotografias de dois aspectos para nós: os *slogans* utilizados durante as manifestações e a presença de figuras masculinas em meio a multidão de maioria composta por figuras femininas. O primeiro aspecto nos levou a reflexão de sua pertinência ao contexto dos movimentos feministas na atualidade, da chamada “terceira onda” ou a configuração de uma “nova onda feminista - a quarta”. Já o segundo aspecto nos permitiu a problematização da necessária construção de estudos acerca das relações de gênero no âmbito das socializações, por exemplo, a partir da proposta de horizontalidade nas relações.

Finalmente, a chegada ao terceiro passo, que foi a construção do próprio texto, correspondido a uma extensão do relato da experiência apresentada na introdução, que, conforme assinalamos, tratou-se de transformarmos o vivido em uma política de escrita, sem a qual não se faz à luz de esclarecimentos pela racionalidade científica, a partir da historicidade que moldura o próprio movimento e da compreensão psicossocial sobre a luta de coletivos femininos com agenciamentos feministas.

Apresentamos, pois, a seguir, os aspectos temáticos que emergiram dessa leitura como interessantes chaves-analíticas para continuidade de estudos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Marcha das Vadias surgiu no Canadá, em Toronto. Foi inicialmente organizada por estudantes universitárias em resposta a declaração do policial Michael Sanguinetti. O policial opinou publicamente que haveria diminuição de casos de estupros se as mulheres

evitassem trajarem-se como “vadias”, durante entrevista sobre uma ocorrência dessa violência sexual em um campus universitário, em janeiro de 2011.

Essa afirmação foi problematizada pela comunidade local, a ponto de impulsionar a organização da passeata que não dispôs de uma liderança específica, mas foi composta por mulheres engajadas direta ou indiretamente com as ideias e os grupos feministas (BARRETO, MAYORGA, GROSSI, 2017).

Assim, o que significa o rótulo de vadia? E o de vestir-se como vadia? Ser mulher e vadia são termos enunciativos de uma vontade de verdade. No caso, considera-se que o termo está “amplamente difundido como uma forma de relacionar mulheres de comportamento livre – principalmente em relação à sexualidade” (FERREIRA, 2013, p. 40). Mulheres que apresentam comportamento livre são aquelas consideradas autônomas em relação ao modo como exercitam sua sexualidade. E que foram comparadas a posição das mulheres inseridas no campo da prostituição, cujo rótulo de vadia se estendeu a elas.

A produção de sentidos sobre “ser-vadia” permanece como um discurso justaposto a outro discurso que circula no dia-a-dia entre múltiplos indivíduos e em contextos distintos e merece ser foco de investigação.

Afinal, por que as mulheres prostitutas estariam socialmente autorizadas a serem estupradas? Seja a mulher com comportamento sexual livre, inserida no campo da prostituição ou não inserida na prostituição, teria o homem autoridade para violar seu corpo? Causa-nos imensa estranheza a utilização da justificativa de um homem / policial sobre a ocorrência de estupros sobre “mulheres vestidas como vadias” e fonte de pesquisa importante para compreensão e intervenção em termos de práticas educativas acerca das relações de gênero e estigmatizações.

Em linhas gerais, diz o site oficial do movimento que "ser responsável pelas nossas vidas sexuais não deve significar que nós estamos abrindo a expectativa de violência, independentemente de participar do sexo por prazer ou trabalho" (SITE SLUTWALK, 2016, p. 1).

A marcha das vadias não representa apenas um acontecimento histórico, mas principalmente um acontecimento discursivo: o nome “vadias” foi posto em xeque para conquistar um novo significado, transformando-se assim numa palavra de ordem do movimento feminista. Se até um ano atrás, o termo possuía um único significado de valoração pejorativa, inclusive – hoje ele se transformou em um nome com poder, com poderes subjacentes, pois visa a transformar a visão de uma sociedade sobre a concepção: o que é ser vadia e o que é ser mulher (RASSI, 2012, p. 49).

Portanto, o evento da “Macha” apropriou-se do termo *SlutWalk* com a intenção imediata de problematizar o termo “vagabunda” utilizado pelo policial e demais atores sociais que manifestam a reprodução de uma cultura machista e permissiva para cenas de estupros e agressões sexuais contra as mulheres. Com a “marcha”, objetivou-se produzir um novo sentido para o termo com a promoção da conscientização da população a favor de uma sociabilidade dotada de sujeitos múltiplos e, portanto, com relações sociais estabelecidas com valores de igualdade, liberdade e respeito às identidades de gêneros e de diferentes estéticas.

Slutwalk, Toronto, Canadá, 2011



Fonte: <https://torontoist.com/2017/08/putting-sex-worker-rights-front-centre-slutwalk-toronto/>

Pensamos que a “Marcha das Vadias” em Toronto, Canadá (na imagem acima), dá início a um movimento discursivo. Pois, não se trata apenas de darmos um novo direcionamento ao fluxo de poder nas relações binárias, com a presença de indivíduos em consonância com o enfrentamento dos códigos sociais a respeito das relações de gênero que vigoram na atualidade, independente do papel social exercido por eles e em uma lógica heteronormativa. Trata também da luta pela reconstrução do lugar social designado aos corpos que divergem do instituído, por que:

a significativa presença entre as organizadoras da *Marcha das vadias* e entre os participantes do protesto de rua de mulheres que reivindicam identidades não hegemônicas (LGBT) e, ainda, de homens que expressam identificação com o feminismo, mostra uma ruptura com os feminismos de décadas anteriores. O sujeito político do feminismo aparece mais diversificado e não se define exclusivamente pela identidade sexual e biológica da mulher. Isto talvez marque a principal descontinuidade com o feminismo anterior que é fortemente exclusivista em relação às mulheres (GOMES, 2013, p. 6).

Essa configuração de participantes da “Marcha” permite a observação de outras apropriações dos movimentos feministas que estão em curso na atualidade. Não que a mesma propicie a integração de diferentes grupos feministas, mas certamente possibilitou o diálogo entre as agendas, como: o repúdio às desigualdades e violências de gênero, que são agenciadas pela ideologia do patriarcado e sua expressividade nas práticas machistas, de opressão, dominação e exploração do corpo e da sexualidade feminina, bem como pela prática de interações sociais guiadas pela horizontalidade entre os indivíduos (PASSOS DUTRA e GARCIA NUNES, 2015).

Assim, no sentido da horizontalidade das relações, a rede BBC – Londres também noticiou o evento como uma passeata onde todos e todas foram convidados a participar, independente do gênero, raça/etnia e idade. Na foto abaixo podemos observar a presença de mulheres e homens com o mesmo objetivo, mas, de uma multidão direcionaram-se os nossos olhares para o cartaz da frente carregado por um homem, com a mensagem “*SlutPride*, orgulho de ser vadia”. Esse direcionamento do olhar foi justamente motivado pelo potencial discursivo das configurações interpessoais pautadas na lógica de valores igualitários, de respeito e liberdade.

SlutPride – Toronto/ 2011



Fonte: <https://bobipasquale.wordpress.com/2011/05/12/slutwalk-not-radical-not-helpful/>

A matéria jornalística da BBC colocou também a ocorrência de vários comícios e oficinas voltados ao enfrentamento da violência sexual e pedidos de justiça sem a culpabilização das vítimas após ataques sexuais. Veiculou inclusive que a *SlutWalk* foi realizada também nas cidades de Dallas (Texas), Asheville (Carolina do Norte) e planejadas

para acontecerem também em outros locais estadunidenses, conforme nota disponível no site da BBC Canadá.

Em Portugal, Lisboa, ocorreu a “Marcha das Galdérias”. No Brasil, a “Marcha das Vadias” (em várias capitais e municípios). Ambas como resposta das mulheres e feministas contra um rol de práticas discursivas machistas engendradas em práticas sociais variadas. Por onde passaram as marchas marcaram a luta feminista atual ao pleitear a vivência igualitária de direitos entre os indivíduos acerca das condições de vida de todos e de todas em um âmbito social, que ainda permanece configurada pela desvalorização, objetificação e subalternidade da mulher em relação ao homem.

No Brasil, a repercussão atingiu os olhares de diversos coletivos de feministas, de anarquistas, de rádios comunitárias e livres, da assistência jurídica popular, do cyber-feminismo e militantes partidárias. As “marchas” ocorreram nas grandes capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte e se espalharam pelo país. Há de se considerar a velocidade com que as redes sociais virtuais potencializam o contágio social da produção discursiva entre pares e não-pares e terminaram pela fomentação dos movimentos sociais e a produção de sentidos sobre os acontecimentos.

a internet, especialmente as redes sociais, possibilitou uma forma mais rápida e dinâmica de intercâmbio de ideias entre diferentes concepções de feminismos e, principalmente, se consolidou como um veículo de diálogo com amplos setores da sociedade sobre as diversas pautas dos feminismos contemporâneos. Desse modo, é bastante pertinente pensar de que forma a chamada “web-militância” feminista pode, a partir da organização das marchas das vadias no Brasil, incitar diversificados debates sobre as mulheres, gênero, sexualidade e cultura (FERREIRA, 2013, p.34).

Nesse sentido, torna-se interessante apresentar os dados da pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo e recuperados na análise de Carla Gomes (2017, p. 3):

dos anos de 2001 a 2010 houve um aumento de 21% para 31% acerca do número de brasileiras que se nomeiam feministas, sendo que uma boa parte delas estão na faixa etária de 15 a 17 anos de idade (40% da amostra), seguidas das jovens de 25 a 34 anos (37% de identificação), e, em último lugar, as mulheres maiores de 60 anos (com 23%).

Aquelas que não se auto-declararam feministas, ainda assim possuem visão positiva sobre a luta por igualdade de direitos, por liberdade e independência das mulheres e por direitos iguais no mercado de trabalho. Esses dados podem ser decorrentes de um

processo de práticas educativas transversalizadas por discursos favoráveis a uma nova política para a vida que compreende a educação de gêneros pela sua multiplicidade e tolerância.

A imagem abaixo, de uma jovem, denota, portanto, a juventude como vetor na transformação da realidade social ou uma força contingencial para a constituição da subjetividade humana sob a nova perspectiva.

Marcha das Vadias, Brasil, 2013



Fonte: <http://blogueirasfeministas.com/2013/07/mulheres-e-criancas-primeiro-homens-descartaveis/>

Além da presença marcante da juventude como produtora e promotora da circulação de novos discursos sobre as relações de gênero, apresenta-se também a figura do homem no processo de socialização e constituição da masculinidade transversalizada por valores feministas, de acordo com o apresentado anteriormente. A imagem dada anteriormente, e, a imagem seguinte, por exemplo, podem ser utilizadas como objetos de análise devido ao aspecto simbólico que carregam sobre as configurações sociais historicamente representadas no âmbito das lutas feministas através de suas imagens.

Marcha das vadias, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, 2013



Fonte: <https://marchadasvadiasribeiraopreto.wordpress.com/>

Novamente um homem ergue com suas mãos um cartaz imperativo: “mulher não é mercadoria!”. Um objeto a ser usado. Sabe-se que a sujeição da mulher na ordem patriarcal a coloca em uma posição subalterna a posição do homem nas relações sociais impressas, o que, por efeito, gera um coletivo feminino sujeito às diferentes manifestações de violência pelos homens.

o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito (SAFFIOTI, 2004, p. 3).

Por conta de discursos de violências contra as mulheres naturalizada em frases popularizadas como “não sei por que estou batendo, mas ela sabe por que está apanhando”, pode-se encontrar com o movimento feminista um “lugar de fala” de mulheres e de homens contra as normativas de tendência machista.

O “lugar de escuta” da sociedade resguarda-se do embate ideológico e de práticas sociais a serem enfrentadas cotidianamente, para rompimento dos discursos acerca da fragilidade do sexo feminino e outros sedimentados na noção de natureza humana e diferenças entre os sexos a definirem valores e papéis na construção de gêneros entre masculino e feminino.

Na agenda das “marchas” pode-se evidenciar, entre outras questões, a mulher e sua luta pela autonomia e domínio de seu próprio corpo: “Nosso corpo nos pertence!”, diz um dos *slogans* do movimento em São Paulo. E por isso, a agenda é ampla: atualmente, luta-se pela laicidade do estado, legalização do aborto, despatologização de transgêneros e por mais liberdade sexual do indivíduo, sobretudo da mulher que é moralmente julgada quando exerce sua sexualidade livremente. O panfleto de divulgação da “Marcha das Vadias”, em Ribeirão Preto, é um exemplo dessa agenda ampla, mas que se encerra na potência por liberdade, além da igualdade.

Chamada para a marcha das vadias em Ribeirão Preto, Brasil, 2013



Fonte: <https://marchadasvadiasribeiraopreto.wordpress.com/>

Desse lugar de fala ouvem-se ruídos relativos ao sequestro institucional que indivíduos sofrem ao longo da vida. Primeiro pelo Estado, outorgado a ele o governo da vida de modo tramado, conjuntamente, por valores religiosos e moralistas sobre os corpos e para a construção de gêneros, que afirmam um regime de verdades a instituírem ao papel social masculino a hierarquização de sua posição sobre o da mulher. Assim, não se trata apenas de subalternidade feminina, porque resistências e contra-poder emergem em meio ao silenciamento.

Mas, da constatação de violências psicológicas, físicas e sexuais cotidianas inscritas nas interações sociais e em diferentes contextos, como as legitimadas no processo de governamentalidade podem ser investigadas pela genealogia, cartografia, pelas práticas discursivas e produção de sentidos ou pela etnografia, por exemplo, tomando como ponto de partida o panfleto da agenda feminista sobre a “marcha” divulgada pelo coletivo da cidade de Ribeirão Preto.

Agenda feminista divulgada na Marcha das Vadias, Ribeirão Preto, 2013

1ª Marcha das Vadias de Ribeirão Preto 28/09 às 10h na esplanada do Teatro Dom Pedro II



Em nossa sociedade opressora somos taxadas de vadias quando não aceitamos o machismo. Não queremos nos enquadrar em modelos que negam nossa autonomia e liberdade, por isso nos apropriamos do termo vadia, que é visto pejorativamente, para dar a ele outro significado e mostrar que *se ser livre é ser vadia, somos todas vadias!*

peelo que marchamos

- + Queremos que o Estado garanta educação sexual para nos informarmos, forneça métodos contraceptivos para nos prevenirmos e aborto legalizado e seguro para não morreremos.
- + Queremos políticas públicas que previnam a violência contra a mulher, ensinando os homens a respeitarem e não agredirem e informando as mulheres de seus direitos.
- + Queremos igualdade de salários para homens e mulheres.
- + Queremos criminalização da homofobia e da transfobia.
- + Queremos o fim da violência obstétrica e liberdade de escolha para mulher parir como quiser.
- + Queremos exercer nossa sexualidade livremente, sem sermos discriminadas por nossas roupas, idade, aparência, ou pelo número de parceiros e parceiras.
- + Queremos um mundo mais livre e menos violento para todas as mulheres, cis e trans*, negras, brancas e indígenas, lésbicas, bissexuais, héteros e de todas as classes. E entendemos que enquanto todas nós não formos livres, nenhuma de nós será. Por isso, seguimos em luta e marchando!

Fonte: <https://marchadasvadiasribeiraopreto.wordpress.com/>

No panfleto há também a explicação do nome dado ao manifesto. Porque a escolha por um título marcado pelo rótulo pejorativo emprega às mulheres sob o estigma da prostituição ou da liberação sexual? Explica-se no *site* da “marcha das vadias”, de Ribeirão Preto, que o termo “vadia” serve como uma referência para toda aquela que rompe com a heteronormatividade, com a idealização do casamento, da fidelidade sexual ou dos códigos morais sobre cuidados com o corpo e os prazeres. Esse rompimento para o movimento é embate contra um lugar inventado para as mulheres e os homens com o patriarcalismo. Ele é usado para evocar o estranhamento e a reflexão.

Qualquer deslize e você pode ser jogada para o time das vadias. Ficou com mais de um cara em uma noite? Colocou uma saia mais curta? Bebeu “além da conta”? Pronto, ganhou a carteirinha de vadia. E não existe o meio termo “quase-vadia”. Vai ser vadia 100%. Mas se você se comportar direitinho, seguir as regras, quem sabe o tribunal sexista sentença que agora você faz parte das mulheres decentes. “Ela mudou, tomou jeito na vida”(SITE MARCHA DAS VADIAS, 2013, página 1).

Nesse sentido, a construção do objeto discursivo atravessou fronteiras, do Canadá, Estados Unidos, Portugal, Brasil. Em qualquer lugar a problematização do enunciado proferido por um policial que se desdobrou em tantos outros enunciados de contra ordem ou a insurreição de outros valores sobre a mesma palavra. A “marcha das vadias”, portanto, é um

evento histórico e está integrada ao movimento feminista. Levamos em consideração que a chamada três ondas do feminismo envolveram cada qual, por ordem de demarcação temporal, respectivamente a:

a - luta pela igualdade de direitos; b - igualdade estendida das leis aos costumes, focalizando temas como sexualidade, violência e mercado de trabalho; c - crítica à construção da imagem feminina pelos meios de comunicação de massa, quando as mulheres falam em nome de uma libertação da sexualidade e não somente de sua sexualidade (PASSOS DUTRA e GARCIA NUNES, 2015).

Com isso, vislumbra-se que a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã” (século XVIII), redigida pela escritora Marie Gouze, comumente conhecida como Olympe de Gouges, parece encontrar desdobramentos históricos e geográficos até sua maior territorialização entre as adolescentes da década de 2010 (século XXI) no Brasil, por exemplo.

Olympe de Gouges é um pseudônimo criado por Marie Gouze, para assinar suas peças de teatros, cartazes panfletos e demais documentos que imprimiam críticas à sociedade francesa de sua época, a saber, no período da revolução, finais do século XVIII. A “Declaração dos Direitos das Mulheres” é uma provocação à “Declaração dos Direitos dos Homens”, em que chama às mulheres a observarem e lutarem contra as desigualdades instaladas nas relações sociais e visíveis na exclusão de seus direitos no documento interpelado por ela.

Podemos refletir que a luta de Marie Gouze é permanente até os dias atuais, quando, entre as agências de coletivos feministas ainda escutamos, por exemplo, por maior representação de mulheres na política partidária, pela busca pela garantia e efetivação de direitos relativos à liberdade e autonomia para tomada de decisões referentes ao seu próprio corpo, publicizam-se as lutas por igualdades de gêneros no mercado de trabalho e nas atividades distribuídas no mundo doméstico, respeito e reconhecimento de competências pelos papéis sociais que desempenham e etc.

Portanto, não pretendemos dissertar sobre essa vinculação entre tempos-espacos, mas, certamente, essa é outra possibilidade de análise que merece aprofundamento como os assinalamentos iniciados até aqui.

Enfim, nesse estudo exploratório, conseguimos visualizar algumas temáticas que serviriam de objeto de estudo e aprofundamento relativo à configuração da “Marcha das Vadias”, que, na sua dobra, trama sobre o agenciamento de relações de gêneros e produção

discursiva em nossa sociedade, de modo a estender-se da territorialidade de coletivos específicos para relações sociais mais amplas.

Primeiro, tivemos a compreensão da desconstrução do significado atribuído ao termo vadia como produção discursiva a favor da luta de coletivos de mulheres. Segundo, a possibilidade de problematização da presença de homens-heterossexuais no contexto desses coletivos, como uma chamada à educação de gêneros necessária para a construção de uma sociedade igualitária e livre. Desses dois focos também notamos que, com a “marcha das vadias”, ampliou-se a luta feminista de valores acerca da igualdade política e de trabalho para também o de liberdade existencial, o que implica em aspectos éticos e estéticos relativos ao exercício da sexualidade, levando-nos a possibilidade de sua compreensão no contexto dos movimentos feministas.

4 CONCLUSÃO

Retomamos à ideia de que a “Marcha das Vadias” atravessou fronteiras pelo agenciamento da internet e da juventude, para a territorialização de uma agenda feminista que propõe o rompimento com normativas moralizadoras sobre o corpo, o uso estético e sensorial dele como exercício da sexualidade e enfrentamento de discursos machistas como aquele que se autoriza a cometer abuso sexual contra mulheres.

Assim, foram resultados desse estudo exploratório as principais temáticas encontradas a serem aprofundadas por outros estudos, tomadas como hipóteses de trabalho:

a) A verificação da correspondência entre o acontecimento da Marcha das Vadias com a agenda da chamada “terceira onda” feminista, pela visibilidade da luta inclusiva sobre a diversidade e liberdade sexual ou a análise dela no contexto de uma quarta-onda feminista;

b) A identificação da formação de um novo objeto discursivo acerca do termo “vadia” pela problematização de seu enunciado, e;

c) A compreensão sobre a presença de figuras masculinas no contexto da luta feminista, de modo a indicar a busca pela horizontalidade nas relações de gêneros.

Consideramos que esses três resultados iniciais como chaves-analíticas tanto servem para o aprofundamento investigativo quanto fortaleceram o estudo exploratório e sua justificativa para a iniciação científica.

E, para finalizarmos o apresentado, voltamos ao relato da experiência que disparou o presente estudo, a partir da presença dos homens que compuseram qualquer “Marcha das Vadias”, na perspectiva do vivido pelo autor deste artigo, e, que, encerra a esta política de escrita.

Da simulação da “Marcha” e na escolha pela pesquisa como uma escrita política do seu ato, os autores levaram em consideração a existência da visão misógena, do estupro e do preconceito homoafetivo como dimensões sócio-culturais que encontram em seus cotidianos.

Consideraram que humanos são indivíduos agrupados socialmente, para a convivência na multiplicidade das existências e dela nos constituírmos. Assim, entenderam que a configuração de coletivos feministas envolve não somente as lutas por direitos das mulheres, mas com a inclusão de coletivos tomados tanto pela *performance* feminina quanto pela problematização da binariedade. Ou seja, a luta feminista abarca as lutas pelo reconhecimento do direito de existir conforme a diversidade relativa às identidades sexuais e de gêneros que se enunciam sócio-historicamente.

Porém, precisaram percebê-las na perspectiva das mulheres para se posicionarem favoravelmente a elas, a partir do exercício do papel social de gênero e da posição social que cada um ocupa, levando-os a afirmarem que as realidades objetivas e subjetivas estão engendradas e a transformação delas só será possível com a participação ou com o engajamento de outros homens e mulheres aos valores que permeiam as lutas feministas.

5 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARRETO, Leticia Cardoso; MAYORGA, Claudia; GROSSI, Miriam Pillar. Vadias, putas e feministas: diálogos em Belo Horizonte. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e159528, 2017.

FERREIRA Gleidiane, Feminismo e redes sociais na marcha das vadias no Brasil. **Revista Artémis**, vol. 15, p. 23-43, Jan-Jul, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2012.

GOMES, Carla de Castro. Corpo e emoção no protesto feminista: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Sexualidad, Salude Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 231-255, Abril, 2017.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, Agosto, 2014.

PASSOS DUTRA, Mariana; GARCIA NUNES, Tiago de. A marcha das vadias como redes de movimentos e significados. **Prolegómenos**, Bogotá, v. 18, n. 36, p 153-168, jul, 2015.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.)- **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998.

RASSI, AP. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da "Marcha das vadias". **Revista História**, Goiânia, v.1, n.1, p. 43-63, jan./jun. 2012.

RIBEIRO, Letícia; O'DWYER, Brena e HEILBORN, Maria Luiza.Dilemas do feminismo e a possibilidade de radicalização da democracia em meio às diferenças: o caso da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro.**Civitas,Rev. Ciênc. Soc.** [online], vol.18, n.1, p.83-99, 2018.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179-183, Abril, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol.20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.